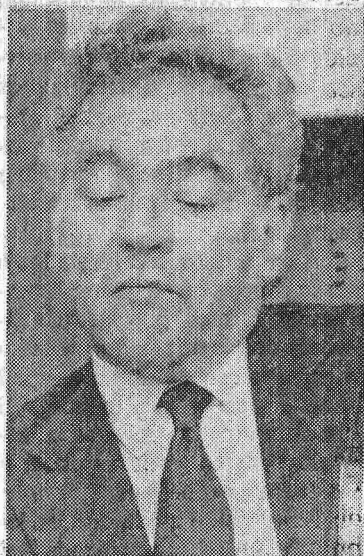


Para boliviano, exemplo pode servir ao País

Alguns analistas do programa boliviano de combate à hiperinflação costumam criticar a impossibilidade de transplantar essa experiência para outros países — o Brasil, por exemplo. No entanto, o ex-ministro do Planejamento, Gonzalo Sánchez de Losada, que comandou o programa de estabilização da economia boliviana, assegura que não há nenhuma incompatibilidade entre essa estratégia e a economia brasileira. “Se a Bolívia conseguiu sobreviver, por que o Brasil, com sua economia tão grande, não conseguiria?”, pergunta. Losada considera o Brasil já em plena hiperinflação e acha que só um programa liberal teria condições de evitar o desastre.

O ex-ministro enumerou os principais pontos nos quais se assentou a Nova Política Econômica — que derrubou a inflação boliviana de 20.000% para 5%, neste ano. Antes de mais nada, na sua opinião, não é possível pensar em nenhum esquema de controle de preços e salários. “Se fracassa, a culpa é do governo, que perde toda a credibilidade.” Além disso, não há nenhuma condição de manter controle de preços numa hiperinflação, quando os próprios órgãos governamentais encarregados de administrar esse sistema são contaminados pela corrupção. Gradualismo também não funciona. “Quando a situação é caótica,



Edu Garcia/AE

Losada: depósito também em dólar

não se pode pensar numa forma de pôr ordem no caos.”

O governo boliviano editou, de uma só vez, todas as medidas da NEP — ao todo, 170. Não ficou nenhuma decisão para depois. Num único dia, foram liberados preços, salários e câmbio, extinguíram-se todos os subsídios e foram estabelecidas tarifas únicas de importação (20%). “É fundamental que não haja nenhuma exceção, para não facilitar a ação dos grupos de pressão”, ensina Losada. Foi permitido, também, manter depósitos em dólar, para impedir a evasão de divisas. A moeda, ao contrário do que ocorreu em outros países, permaneceu a mesma até se firmar a crença no fim da hiperinflação. Agora, segundo Losada, o próximo passo da economia boliviana deveria ser a abertura total para o Exterior — ou seja, a sua “transformação no primeiro país asiático da América Latina”.